

## Concurso de lendas de Anadia já tem vencedores

Marta Manuela Vidal, de Amoreira da Gândara, é a vencedora do 1º Concurso de Recolha de Lendas, que a Câmara Municipal de Anadia organizou em colaboração com o Grupo Media.

"Na Calada da Noite" é o título da lenda premiada. Trata-se de uma história de homens e lobisomens que tem como cenário Amoreira da Gândara e a sua Capela das Almas da Clara.

A autora, de 17 anos, natural de Amoreira da Gândara, é estudante do 12º ano de Saúde, na Escola Secundária de Anadia. Pertence ao grupo de teatro "O Baluarte" e concorreu por desafio do responsável pelo grupo, Engº Albano Jorge.

O segundo classificado foi Luis Alegre da Silva, com a "Lenda do Cértima". Tem 25 anos, é natural de Anadia, mas reside em Lisboa. Tem o Curso Superior de Pintura, é editor gráfico de uma editora e monitor da cadeira de Fotografia na Escola Superior de Conservação e Restauro de Lisboa.

O júri, constituído pelo Dr. Breda de Carvalho, José Ferraz Diogo e Dr. Nuno Rosmaninho, da Associação Cultural de Anadia, deliberou não atribuir o 3º prémio.

Os trabalhos serão agora remetidos à entidade coordenadora - o Grupo Media - que procederá a uma nova apreciação dos trabalhos, com vista à publicação de uma compilação de lendas portuguesas.

A partir do próximo número (neste já há falta de espaço...) começaremos a sua publicação.

Exmos. Senhores

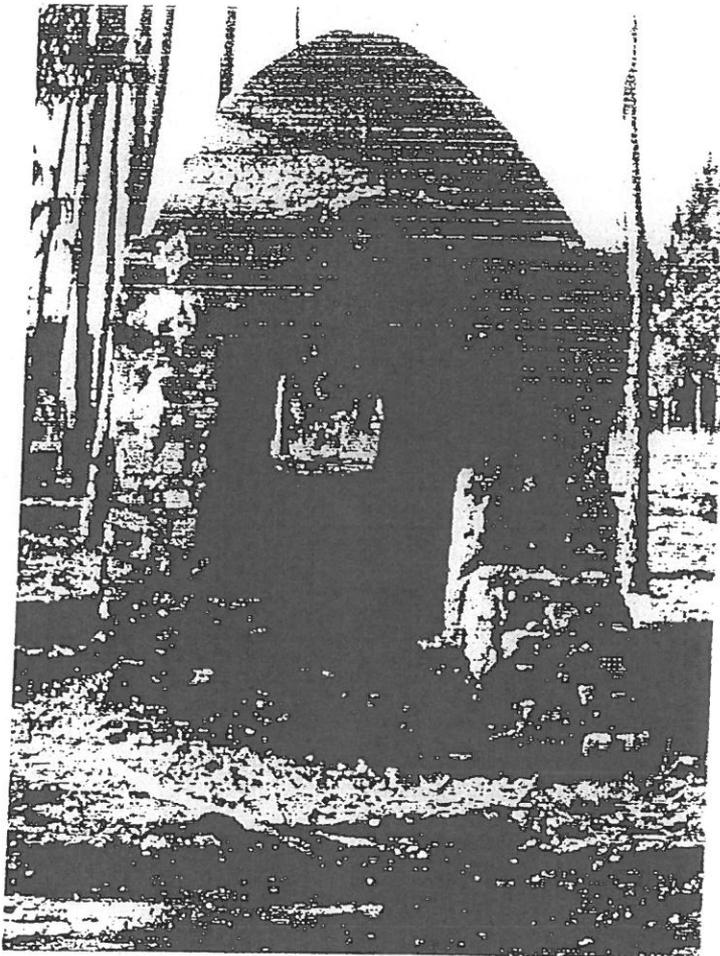
Esta história foi recolhida, junto de pessoas, pertencentes á freguesia de Amoreira da Gândara, e é acerca da mesma que fala. Foi escrita por Marta Manuela Alves Vidal, portadora do bilhete de identidade nº. 11090616 de 06/11/1992 do arquivo de Lisboa, que utiliza neste texto o pseudónimo de MORGADINHA DA CAPELA, residente em A. da Gândara e cujo nº. de telefone é 031 - 596460. Esta carta é acompanhada ainda de uma fotocópia do bilhete de identidade.

Este texto, foi escrito graças á contribuição de alguns residentes, e ao grupo cultural " O BALUARTE " , ao qual pertença, e foi através do mesmo que tomei conhecimento.

Atenciosamente

Marta Manuela Alves Vidal

## Na Calada da Noite



Por: Morgadinha da Capela

Vai longe o tempo em que Amoreira era um lugar isolado, distante um pouco do mundo, mas mais perto da fantasia.

Hoje, essas histórias são moedas de ouro perdidas na memória dos mais velhos. A história que se vai contar é um achado da riqueza cultural deste lugar. É necessário não esquecer aquilo que fez, de nós pobres, ricos de então.

A história começa como todas as outras ... era uma vez.

Era uma vez, um lugar onde a pobreza vinha da miséria, e a riqueza dos mais necessitados estava nas histórias que cada um contava, melhor ou pior, à lareira, por entre o crepitar do fogo, depois de um dia árduo de canseiras no amanho das terras.

Eram essas mesmas mãos, calejadas pela dureza do trabalho que esboçavam as fantasias, que iam embalando a sonolência dos mais pequenos, ou lhes despertava o temor pelo desconhecido.

E contavam os mais velhos, que já no tempo dos seus avós, havia uma lenda que afirmava que tendo uma mãe seis filhas e se do sétimo nascimento nascesse um rapaz, este era lobisomen.

Eram os tempos aúreos das caçadas às bruxas e das fugas, por entre matas dos lobisomens.

Pois neste canto do mundo, onde Judas perdeu as botas, existia um caso assim: O nosso lobisomen era um lavrador tal como tantos outros, mas nas noites de lua cheia revelava-se.

Quando pela meia-noite a lua já fosse alta e ilumina-se os recantos mais escondidos, o lobisomen saía à rua, e o primeiro rasto de animal que encontrasse era no animal que se transformava, e tinha de correr nessa mesma noite sete terras e meia, vizinhas.

Conta-se que numa noite, o lobisomen se transformou num bonito cavalo branco, e que uma certa pessoa, que enfim pelas agruras da

vida, se havia descuidado com as horas, viu aparecer no seu caminho a alvura das crinas de um elegante cavalo.

O cavalo, por sua vez, com voz grossa e possante, dirigiu-se a ele e perguntou-lhe o que andava a fazer, a aquelas horas, pela madrugada fora.

O homem temeroso não sabia o que responder. Já ouvira falar das histórias surpreendentes, sobre as noites de lua cheia, em que os lobisomens esquadrihavam as clareiras das matas e os caminhos mais escondidos, e em que as bruxas faziam os seus bailes em volta de fogueiras. Mas isso acontecer-lhe a si? Nunca o podera imaginar.

O lobisomem regozijava-se com toda a petrificação e terror do pobre homem. E foi com altivez que ordenou ao desgraçado transeunte que na noite seguinte, ainda de lua cheia, se encontrasse com ele às três horas da madrugada, junto da Capela das Almas da Clara, hoje parcialmente destruída, no interior da gândara.

E foi assim, que a galope se confundiu com as sombras dos pinheiros e amoreiras.

A pobre alma, ainda não se havia refeito de todo o susto e já avistava as primeiras casas do povoado.

Chegado a casa, a preocupação era uma só: mulher e filhos choravam já a sua má sorte.

Entretanto, alarmados pelos gritos de desespero da pobre mulher, os vizinhos mais próximos foram atraídos ao local. E a uma só voz todos concordaram ser melhor cumprir a promessa, e ir encontrar-se com o lobisomem, pois eram sobejamente conhecidas as histórias de terror daqueles que haviam faltado ao encontro.

Na manhã seguinte o boato já corria de boca em boca. Todos maldiziam a sorte do desafortunado homem e levantavam-se preces, intercedendo em seu favor.

Assim chegada a noite, e começada a madrugada, iniciaram-se os preparativos e o nervosismo. Bateram as onze, a meia-noite e a uma, e assim se fizeram horas. O homem pôs-se a caminho, tal como o preso que caminha para a forca.

Batiam as duas da manhã na torre da Igreja, quando chegou junto da dita capela.

Só uma luz lhe restava, a da amaldiçoada lua que o havia feito perder-se nos meandros dessas histórias em que antes não acreditava, e que eram agora aquelas que tanto o atormentavam.

Começou então a desenhar um cinco-saimão. Era o que de melhor podia fazer por si, pois este era o símbolo, usado como "escudo" contra lobisomens, bruxas de vassoura e toda a espécie de má sorte.

Quando terminado o gigantesco cinco-saimão, sentou-se no interior, munido de uma grande vara, com um espeto na ponta, de modo a impedir a aproximação do lobisomem, pois assim encontrava-se seguro.

E foi assim de coração apertado e sentado no chão, que foram chegadas as três da madrugada, e as quatro... e até hoje nada se sabe do que naquela noite aconteceu.

Contavam os mais velhos que já o dia clareava, quando se ouviram os primeiros passos no carreiro que levava á dita casa, onde algumas mulheres, de velas acesas, rezavam pela alma daquele que já julgavam perdido.

A noite foi feita então de abraços e lágrimas de verdadeira felecidade.

Quanto ao sucedido, é contado que foi o cinco-saimão e a vara que salvaram o homem, que tomado de súbita coragem escorraçou o lobisomem. Mas tudo tem um preço. E neste caso o preço da sua vida foi o silêncio.

E daí, que até hoje nada se saiba. Havia até quem dissesse que no dia em que abrisse a boca para contar o que sucedera naquela noite, seria também o último dia que os seus olhos veriam.

Soube-se dias depois que haviam fugido do estábulo de um rico proprietário das redondezas, vários cavalos, e entre os quais se encontrava um branco. Mas a história,... essa continuou tão acreditada quanto antes.

A capela continua lá, provavelmente a única testemunha de tudo quanto ali se passou. Ah, se as pedras falassem...

Não falam as pedras, mas murmuram as recordações daqueles que viveram nos tempos de contos de fadas e bruxas; quando a noite era a melhor conselheira, mas também a mais temida e respeitada.